

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA  
FONSECA  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS – DELEA  
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JORCIANNE SOARES NUNES FERREIRA**

**RELAÇÃO BRASIL-ISRAEL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A  
COOPERAÇÃO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RIO DE JANEIRO  
2019**

**JORCIANNE SOARES NUNES FERREIRA**

**RELAÇÃO BRASIL-ISRAEL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A  
COOPERAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do DELEA, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Dr. Elizeu Santiago Tavares de Sousa

**RIO DE JANEIRO  
2019**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

F383 Ferreira, Jorcianne Soares Nunes.

Relação Brasil–Israel: oportunidades e desafios para a  
cooperação / Jorcianne Soares Nunes Ferreira – 2019.  
35f. : il.color. grafs., tabs. ; enc.

Projeto Final (Graduação). Centro Federal de Educação  
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2019.

Bibliografia: f. 30-35.

Orientador: Elizeu Santiago Tavares de Sousa.

1. Relações internacionais. 2. Brasil – Relações – Israel. 3. Israel  
– Relações – Brasil. 4. Política internacional. I. Sousa, Elizeu  
Santiago Tavares de (Orient.). II. Título.

CDD 327

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes CRB-7/5281

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, em especial à minha mãe, por todo apoio nesta longa e infundável jornada acadêmica. Afinal, em um país onde menos de 50% da população apresenta o ensino médio completo, alcançar o nível da graduação certamente não é uma conquista solitária e não representa o fim do percurso. Muito pelo contrário, este é o momento certo para refletir sobre como garantir mais oportunidades para que nossa sociedade se torne menos predatória e excludente, e cada vez mais instruída, solidária e sustentável.

Em segundo lugar, agradeço a cada um dos professores que se fizeram presentes nesta trajetória de construção do saber trazendo a medida exata do incentivo para que eu extraísse o melhor do meu potencial. Dentre os que escolheram esta profissão tão digna, cujo devido prestígio ainda não foi assegurado por nossas diretrizes políticas, econômicas e sociais, gostaria de destacar o trabalho dos Professores Elizeu Santiago, Alessandro Biazzi e Wagner Belo, que se mantiveram à disposição em todas as etapas deste curso de graduação e trouxeram inúmeras experiências valiosas de aprendizado.

Agradeço também a toda a equipe da ABVCAP, em especial a minha supervisora Cristiane Nascimento, pelas inúmeras oportunidades de crescimento profissional, pela confiança no meu desempenho e por contribuir como inspiração para este trabalho.

Por fim, meus agradecimentos ao CEFET/RJ e às demais instituições que diariamente resistem aos desafios orçamentários e às políticas que muitas vezes vão de encontro ao desenvolvimento do povo brasileiro; e que, cientes de que ainda há muito por fazer no que tange a inclusão, o combate à evasão, entre outros percalços da trajetória da educação no país, fortalecem e abrilhantam o futuro através das gerações.

## RESUMO

FERREIRA, Jorcianne. **RELAÇÃO BRASIL-ISRAEL: Oportunidades e Desafios para a Cooperação**. 34 p. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro, 2019.

O Estado de Israel comemorou seus 70 anos em 2018. Tão longo quanto a sua existência pode ser considerado o relacionamento com o Brasil, visto o apoio fundamental da diplomacia brasileira durante o processo de partilha da Palestina. Também em 2018, as eleições no Brasil conduziram à presidência Jair Bolsonaro, candidato pró-Israel que, dentre as promessas de campanha, incluiu a transferência da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém. Levando em conta o histórico de cooperação entre essas nações, que recentemente ganhou novo fôlego, o presente trabalho tem por objetivo avaliar as oportunidades e os desafios que se apresentam especialmente no âmbito da indústria de inovação, campo em que os dois países apresentam potencialidades complementares e capazes de contribuir para o desenvolvimento econômico mútuo.

**Palavras-chave:** Brasil. Israel. Investimento. Inovação.

## **ABSTRACT**

FERREIRA, Jorcianne. **BRAZIL-ISRAEL RELATIONS: Opportunities and Challenges for Cooperation**. 34 p. 2019. Final Paper - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro, 2019.

The State of Israel celebrated its 70th anniversary in 2018. We can consider its relationship with Brazil as long as its existence, given the fundamental support of Brazilian diplomacy during the Palestine partition process. Also in 2018, elections in Brazil led to presidency Jair Bolsonaro, a pro-Israel candidate who, among his campaign promises, included the transfer of the Brazilian embassy from Tel Aviv to Jerusalem. Taking into account the history of cooperation between these nations, which has recently gained momentum, this paper aims to evaluate the opportunities and challenges that arise especially within the innovation industry, in which the two countries present complementary potentialities and are able to contribute mutually to economic development.

**Keywords:** Brasil. Israel. Investment. Innovation.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	8
<b>2. O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO</b>	10
<b>3. INVESTIMENTOS E A INDÚSTRIA DA INOVAÇÃO</b>	16
3.1 ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS E INOVAÇÃO NO BRASIL	17
3.2 ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS E INOVAÇÃO EM ISRAEL	21
<b>4. INVESTIMENTOS: ENTRE DESAFIOS E OPORTUNIDADES</b>	24
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	27
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	29

## 1 INTRODUÇÃO

Brasil e Israel apresentam um histórico de relacionamento que antecede a própria formação do Estado de Israel, em razão principalmente da imigração judaica e de reuniões do governo brasileiro com representantes sionistas. A partir do voto brasileiro a favor da partilha da Palestina, em 1947, os dois países tiveram a oportunidade de estreitar esse relacionamento, o que tem viabilizado o estabelecimento de diversos acordos ao longo dos anos, que englobam desde turismo e cultura até setores estratégicos, como o de energia.

Com as eleições de 2018 no Brasil, Israel esteve em evidência com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência. Dentre as promessas de sua campanha eleitoral, a mudança da embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém representou, para a comunidade internacional, uma proposta arriscada sem evidência de ganhos compensatórios. Entretanto, se por um lado houve alardes, por outro também ficou evidente o apoio que a proposição recebeu da bancada evangélica e também da comunidade judaica no país, a segunda maior da América Latina, perdendo apenas para a Argentina.

Apesar do evidente interesse do governo em seguir os passos dos Estados Unidos, a pressão dos grupos contrários à medida, dentre eles militares e agropecuaristas, resultou na execução de um plano menos ousado: a instalação de um escritório comercial em Jerusalém. A decisão abrandou as ameaças de retaliação que o Brasil vinha sofrendo dos países árabes. Não se deve ignorar, portanto, os riscos que emergem conforme o Brasil se posiciona em relação a Israel, que enfrenta questões políticas delicadas. A moderação do Brasil perante o conflito israelo-palestino tem sido garantia de uma fatia maior do mercado, principalmente considerando que anualmente o Brasil exporta cerca de US\$16 bilhões para o Oriente Médio e a Turquia, dos quais somente 3% se destinam ao mercado israelense (REUTERS, 2018).

A despeito do posicionamento arriscado, o apoio mútuo durante as campanhas de Netanyahu e Bolsonaro, entre 2018 e o início de 2019, foi um marco no percurso do relacionamento entre os países. A visita do presidente brasileiro a Israel em março deste ano resultou na assinatura de cinco novos acordos de



cooperação e um memorando de entendimento. O panorama favorece as oportunidades no ambiente de investimentos e aprofundamento das relações comerciais.

Paralelamente, a política interna de ambos os países vem sendo marcada pela instabilidade. O governo Bolsonaro tem minado seu percurso devido ao lento processo de aprovação de reformas e aos discursos que muitas vezes se mostram contra princípios como a sustentabilidade e a democracia. Em Israel, o ex-chefe de governo Benjamin Netanyahu, do partido Likud, embora tenha sido o representante com maior tempo de cargo em Israel, tem enfrentado maiores índices de rejeição por conta de suas políticas nacionalistas e sua promessa de anexação da Cisjordânia ao território de Israel, além de estar sob investigação por corrupção. Ao mesmo tempo, o Azul e Branco, partido de oposição representado por Benny Gantz, também vem apresentando dificuldade em instalar um governo de maioria, o que coloca Israel em uma posição de incertezas também no cenário internacional. Essas circunstâncias elevam o risco e geram desconfiança nos investidores, o que pode provocar uma fuga de capital capaz de prejudicar o desempenho econômico.

Levando em conta o presente cenário político e econômico no âmbito da relação entre Brasil e Israel, a intenção deste trabalho é elucidar quais interesses são e podem vir a ser atendidos a partir do estreitamento dessa relação. De forma geral, Israel costuma ser visto como um pólo tecnológico, apresentando produtos e serviços de alto valor agregado, enquanto o Brasil é colocado como um grande exportador dotado de um vasto mercado consumidor. Entretanto, existem outros fatores que convergem nestas duas economias e que podem ser combinados de forma a potencializar resultados e trazer benefícios compartilhados, principalmente quando se trata de novos negócios e investimentos.

Para alcançar os objetivos propostos, será analisada a forma como os dois países e a relação entre eles se desenvolve até o momento, incluindo dados referentes ao âmbito comercial e à atração de investimentos estrangeiros, com foco em inovação. A análise também levará em conta, em alguns momentos, a relação do Brasil com os países árabes, tendo em vista o papel do conflito árabe-israelense para as economias em questão. A pesquisa será embasada por publicações de organizações internacionais e das principais instituições ligadas à inovação e

investimentos nos dois países, bem como por fontes secundárias, tais como a análise dos principais especialistas no tema.

O que se pretende nas próximas seções é: 1) resgatar o histórico do relacionamento político e econômico entre Brasil e Oriente Médio, com foco em Israel, destacando momentos importantes da trajetória e dados relevantes a respeito do comércio e investimentos; 2) analisar a indústria de capital de risco no Brasil e em Israel; 3) a partir dos resultados mais recentes e das tendências de mercado, destacar os desafios e as oportunidades para a cooperação no âmbito da inovação.

## **2 O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO**

Em 1947, durante sessão presidida pelo diplomata brasileiro Oswaldo Aranha, a ONU decidiu pela partilha da Palestina britânica em dois Estados: um judeu e outro árabe, com o Brasil figurando entre os primeiros países a ter reconhecido o Estado de Israel. A partir desse marco, Brasil e Israel vêm estabelecendo cooperação bilateral em diversos setores, como turismo, agricultura e tecnologia.

Apesar da participação chave no processo histórico da partilha da Palestina e dos diversos acordos firmados entre as duas nações, nem sempre o posicionamento brasileiro favoreceu os interesses israelenses, o que se justifica por questões como a intensificação do relacionamento com os países árabes, tendo em vista, dentre outros fatores, a necessidade de expansão do mercado consumidor.

Em se tratando da relação entre Brasil e Oriente Médio, é indiscutível a relevância do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva na construção de laços com a região. Lula foi o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar o Oriente Médio oficialmente, fazendo-se presente na Síria, Líbano, Emirados Árabes Unidos, Egito, Argélia, Qatar, Líbia, Arábia Saudita, Jordânia, Irã, Palestina e Israel. Essa aproximação política contribuiu para aquecer diversos setores da economia, proporcionando vantagens econômicas e estreitando laços de cooperação entre as regiões.

Para além de figurar entre os principais fornecedores de energia para o Brasil desde o final da década de 70, os países árabes também exercem grande

influência na cultura e na sociedade brasileira em razão dos processos imigratórios, o que favorece e justifica a busca por aproximação. Para se ter dimensão dessa influência, em 2017, apenas a comunidade libanesa no Brasil já representava o triplo da população do próprio Líbano, alcançando um total de 12 milhões (GLOBO NOTÍCIAS, 2017).

Quanto às iniciativas diplomáticas estabelecidas durante o governo Lula, a Cúpula América do Sul - Países Árabes (ASPA), idealizada em 2003 e oficializada em 2005, deixa clara, através dos seus objetivos, a proposta de estreitamento dos laços baseado no resgate da história e cultura (MMA, 2012):

1. promover a redescoberta recíproca de duas regiões que têm muitas afinidades históricas e um vasto potencial de realização no campo das relações bilaterais. Olhando para o passado, o ponto de contato entre os dois mundos remonta à presença árabe na Península Ibérica e à conformação das culturas que, mais tarde, seriam transplantadas para a América do Sul. Esses laços se retomaram e se fortaleceram com as correntes migratórias árabes em direção à América do Sul, a partir do século XIX, que contribuíram significativamente para a formação social e cultural de países sul-americanos (no Brasil vivem cerca de 10 milhões de árabes e seus descendentes). Por outro lado, mais recentemente, grande número de migrantes sul-americanos, em particular de brasileiros, tem feito o caminho inverso, em direção ao Oriente Médio, deixando parte de sua família na América do Sul e, desse modo, construindo pontes familiares e culturais entre as duas regiões; e
2. com os olhos postos no futuro, promover a redescoberta de duas regiões que, a despeito da diversidade de suas respectivas situações nacionais, enfrentam desafios semelhantes na luta pelo desenvolvimento e partilham interesses e objetivos comuns. Os países de ambas as regiões propugnam a busca da paz e do desenvolvimento econômico com justiça social, o respeito ao direito internacional e ao multilateralismo, e aspiram a um mundo multipolar e inclusivo, um ambiente internacional mais justo e tolerante, que respeite as diversidades étnicas e culturais.

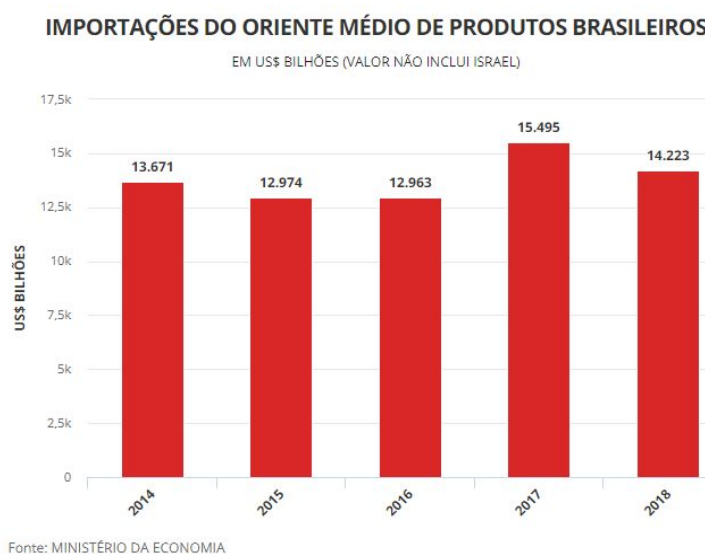
À época de sua institucionalização, a Cúpula ASPA foi vista por muitos analistas como uma iniciativa puramente ideológica, que não resultaria em impacto econômico relevante para o país. Entretanto, a proposta fomentou a cooperação em diversos setores, e o comércio e os investimentos se expandiram rapidamente, beneficiando não somente o Brasil, como também os países vizinhos.

A partir da aproximação com o mundo árabe e do reconhecimento dos seus desafios, alinhado à tradicional defesa da coexistência de dois Estados e aos

princípios de autodeterminação e soberania, o governo brasileiro decide, em 2010, reconhecer o Estado da Palestina. A decisão foi de encontro aos interesses israelenses, sendo repudiada pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel, sob alegação de que os processos de paz seriam prejudicados pela declaração (DEUTSCHE WELLE, 2010). A busca por apoio na comunidade internacional se torna, entretanto, estratégia vital para a Palestina, e também para Israel, visto o fracasso das negociações diretas. Assim, o posicionamento dos demais países se converte em uma peça chave no conflito israelo-palestino.

Hoje, a crescente importância do mercado árabe para a economia brasileira sustenta a necessidade de se manter relações diplomáticas próximas e estáveis. Segundo dados disponibilizados pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira, no primeiro trimestre de 2019 os países árabes se mostraram relevantes parceiros comerciais do Brasil, que ocupa a terceira posição no ranking de exportações para a região, destacando-se a carne bovina e de frango entre os principais produtos transacionados (*apud* FIGUEIRA, 2019). Para efeito de comparação, neste ano de 2019, as exportações de carne de bovino para os Emirados Árabes Unidos já correspondem a mais que o dobro das exportações desse produto para Israel, de acordo com dados do Ministério da Economia (2019a). Dados do Observatório da Complexidade Econômica (2019b) mostram que em 2017 o volume brasileiro de exportação de aviários para o mesmo país correspondeu a 78% do total, revelando uma forte dependência do Brasil como fornecedor desses produtos.

No gráfico abaixo, verifica-se a contribuição do Oriente Médio para as exportações brasileiras em 2018, desconsiderando-se a participação de Israel – o equivalente a US\$321 milhões em exportações.



**Gráfico 1. Importações do Oriente Médio de produtos brasileiros desconsiderando Israel em 2018. Fonte: G1 Economia, 2019.**

Segundo divulgação do Ministério da Economia (2019b), em 2018 o Brasil somou US\$239,5 bilhões em exportações. A partir do gráfico acima, verifica-se que a contribuição dos países árabes para o nível de exportações nacional correspondeu a quase 6% do total no mesmo ano.

De acordo com informações disponibilizadas pelo Observatório da Complexidade Econômica (2019b) em relação às importações do Brasil, dados de 2017 apontam que os países árabes são os principais fornecedores de petróleo e fertilizante. Do total das importações brasileiras de petróleo cru naquele ano, por exemplo, 44% tinham origem na Arábia Saudita. Esses percentuais evidenciam que o receio de uma retaliação por parte dos países da Liga Árabe tem fundamento. Como visto no período da crise do petróleo, o apoio dos Estados Unidos e outros países europeus a Israel durante a Guerra do Yom Kippur, em 1973, fez com que as nações árabes aumentassem os preços dos barris, provocando forte recessão na economia e uma crise energética que afetou diversos países. Assim, o recuo na decisão de transferir a embaixada brasileira para Jerusalém foi uma medida mais racional tanto política quanto economicamente, especialmente se consideramos que o Brasil registrou um superávit de US\$7,1 bilhões com as 22 nações da Liga Árabe em 2017, em comparação com um déficit de US\$ 419 milhões com Israel (BLOOMBERG, 2018).

De forma similar à presença árabe no Brasil, também a imigração judaica remonta a um longo processo histórico, embora respondendo a um quantitativo menor se comparado com a comunidade árabe. No início de 2018, de acordo com estimativas do Berman Jewish Databank, o número de judeus no país superou os 90.000. Segundo a mesma fonte, atualmente os Estados Unidos correspondem ao território com a maior população judaica depois de Israel. Entretanto, há cerca de 30 anos atrás, os EUA apresentavam uma população de judeus superior à de Israel, e que foi capaz de consolidar seu poder político e status social, tornando-se um importante grupo de interesse no país, o que explica a postura pró-Israel que os Estados Unidos adotam no âmbito internacional.

O estreitamento das relações com o Oriente Médio também se estendeu à Israel, mundialmente reconhecido como um dos principais pólos de tecnologia e empreendedorismo, além do país com um dos maiores volumes de investimento per capita em P&D, o equivalente a 4,2% do PIB, contra apenas 1,3% no caso do Brasil (UNESCO, 2019). Assim, a aproximação vem proporcionando ao Brasil benefícios principalmente nas áreas tecnológicas, com especial ênfase nos setores de agricultura e defesa.

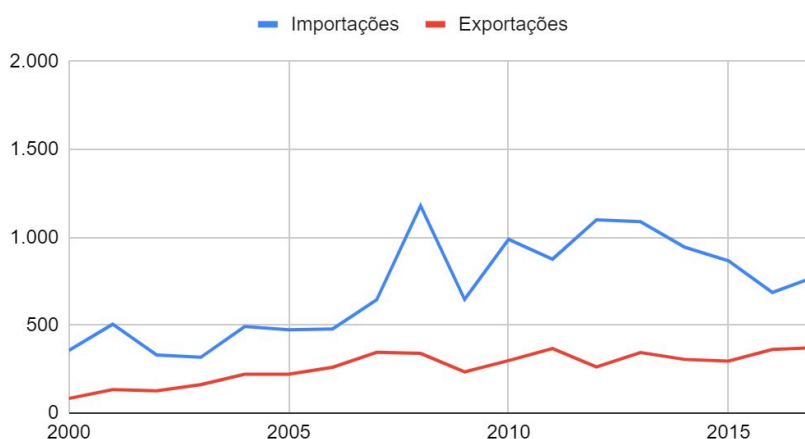
Essa aproximação pós-1947, entretanto, estava alicerçada muito mais nos interesses políticos israelenses, percebendo a importância da América Latina nos foros multilaterais, assim como o peso do Brasil na região. Os acordos de cooperação estabelecidos à época visavam, portanto, à construção de um relacionamento que pudesse favorecer em alguma medida o lado israelense do conflito; ao mesmo tempo, esse contexto permitiu que o Brasil passasse a assumir uma posição de maior relevância no cenário internacional.

Até o início da década de 1970, o Brasil adota uma postura de equidistância perante o conflito árabe-israelense, incentivando a resolução diplomática. Entretanto, a eclosão da Guerra do Yom Kippur e a iminência da crise energética contribuíram para que o país se inclinasse na direção dos países árabes, fortalecendo a relação com importantes fornecedores, como o Iraque e a Arábia Saudita, e impulsionando o envolvimento político com a causa árabe. Em 1975, o voto brasileiro em favor da declaração do sionismo como forma de racismo e discriminação reforçou a insatisfação dos israelenses, rompendo com a tradicional equidistância em meio ao

conflito. Segundo Spektor (*apud* CASARÕES, 2014), a decisão, entretanto, representou muito mais um voto de oposição às diretrizes norte-americanas, um meio que o então presidente Ernesto Geisel encontrou para embargar a pressão política que os Estados Unidos exerciam no país, sem causar maiores prejuízos.

Com o fim o regime militar no Brasil, observou-se uma retomada na aproximação com Israel, principalmente a partir da década de 1990. Entre 1995 e 1996, Israel recebeu a visita de mais de cinco ministros brasileiros para discutir assuntos econômicos e comerciais. Nesse processo de realinhamento, é imprescindível mencionar o Acordo de Livre Comércio entre o Mercosul e o Estado de Israel, o primeiro acordo do Mercosul com um país fora da América Latina. Desde que entrou em vigor em 2010, as tarifas aduaneiras vêm sendo reduzidas conforme a classificação do produto.

Se acompanhamos a evolução das relações comerciais entre Brasil e Israel (Gráfico 2), verificamos que a balança permanece deficitária para o Brasil ao longo do tempo. Por um lado, sendo o Brasil o principal importador de Israel na América Latina, a redução das tarifas teve impacto positivo nestas transações comerciais. Por outro, o atual volume brasileiro de exportações revela que ainda existem oportunidades para expansão, visto que atualmente Israel tem como fornecedora dos principais produtos agrícolas a Europa, enquanto os produtos proteicos têm sua origem muitas das vezes na Europa, Ásia, ou nos vizinhos latino-americanos: Uruguai, Argentina e Paraguai, respectivamente.



**Gráfico 2. Total de importações e exportações brasileiras em relação a Israel (em milhões de dólares por ano). Fonte: Observatório da Complexidade Econômica, 2019.**

Uma questão que deve ser destacada a respeito desse panorama é a de que Brasil é o maior exportador global de carne bovina e também o maior exportador de carne certificada *halal* para países de religião muçulmana (CARNEIRO, 2019). Perde o posto, no entanto, quando se trata da produção *kosher*, cujo destino principal é o mercado israelense. O estreitamento das relações com o país e a introdução recente de novas regras para o abate, propiciam um momento favorável para a mobilização da indústria brasileira no aumento das exportações de um produto que apresenta alto valor agregado, capaz de compensar o investimento necessário às adaptações previstas.

Para além das questões comerciais, é interessante ressaltar as diferenças que se estabelecem entre os governos mais recentes do Brasil quanto ao posicionamento em relação a Israel. Enquanto os governos de Lula e Dilma propunham de maneira mais evidente o fortalecimento da amizade com os países árabes, hoje o que se observa no discurso de Bolsonaro se configura também como uma meio de se afirmar e de se contrapor aos governos precedentes, e, da mesma maneira como Trump nos Estados Unidos, conquistar apoio das comunidades judaica e evangélica. Portanto, a centralidade de Israel na agenda política de Bolsonaro é não somente fruto do pragmatismo diplomático e comercial, mas também da adaptação de conceitos e modelos estrangeiros e da construção de identidades políticas (SANTIAGO, 2018).

Divergências ideológicas à parte, no plano estratégico o Brasil precisa entender as potencialidades frente ao mercado israelense para identificar as oportunidades e utilizar os acordos já assinados de maneira a alavancar os retornos e equilibrar a balança. Nessa análise, é importante considerar que a dimensão do mercado consumidor israelense oferece alguns limites bem estabelecidos, mas também é preciso mapear as vantagens fora do comércio tradicional. Afinal, o cenário internacional tem mostrado que os novos negócios, aliados à tendência da diversificação dos serviços e da incorporação de novas tecnologias, apresentam a capacidade de favorecer parcerias estratégicas, elevar os lucros, desenvolver soluções que possam ser pensadas globalmente e aplicadas localmente, além de proporcionar uma integração de mercados com raízes ainda mais profundas ao



mobilizar diversas instituições. Assim, a indústria da inovação exerce um papel fundamental no futuro dessas economias.

### 3 INVESTIMENTOS E A INDÚSTRIA DA INOVAÇÃO

A visita de Jair Bolsonaro a Israel no início de 2019, a convite do Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu, resultou na assinatura de acordos bilaterais em áreas como energia, defesa, aviação civil, segurança pública e cibernética, e saúde. Apesar das limitações territoriais, da escassez de recursos e dos desafios políticos que enfrenta, Israel apresenta um ecossistema de inovação forte e diverso que pode contribuir para estimular a competitividade e preencher lacunas do desenvolvimento brasileiro.

Segundo Declaração do Ministério das Relações Exteriores, publicada em março deste ano, os dois líderes ainda se comprometeram a trabalhar dois outros eixos de grande importância: o primeiro de Ciência, Tecnologia e Inovação, no intuito de aperfeiçoar o planejamento, monitoramento e avaliação das atividades bilaterais; e o segunda envolvendo Promoção Comercial / Investimentos, que em conjunto com o eixo da inovação, vem somar estratégias orientadas a estimular investimentos recíprocos a fim de que ambas as economias consigam extrair o máximo de seu potencial (MRE, 2019).

Assim como o campo do comércio apresenta algumas peculiaridades no que tange à complementaridade das economias brasileira e israelense, também no ambiente de inovação se verificam correlações positivas que contribuem para que parcerias e negócios sejam instituídos, como ilustra o gráfico 3.



**Gráfico 3. Comparativo das vantagens dos ambientes de inovação Brasil x Israel. Fonte: ABVCAP, 2019.**

Para compreender as características e nível de maturidade que cada um desses ecossistemas apresenta, os fatores que justificam a aproximação e a complementaridade, bem como as oportunidades de atração de capital, é essencial resgatar o histórico do desenvolvimento da inovação em cada país e o papel que a atração de investimento desempenha em cada caso.

### 3.1 ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS E INOVAÇÃO NO BRASIL

Para Levine (*apud* CARVALHO, 2000), evidências mostram que países com um mercado de capitais mais robusto alcançam melhores performances em termos de desenvolvimento econômico. Para que esse mercado cresça, é necessário que existam recursos disponíveis, negócios que apresentem retornos atrativos e instituições intermediárias capazes de fomentar e realizar a conexão entre estes fatores. Nesse sentido, a indústria da inovação exerce um papel chave na economia.

No Brasil, o mercado de capitais se consolida e toma força a partir de 1965, com a Lei n.º 4.728. Até esse momento, o financiamento de empreendimentos nacionais de longo prazo dependia, no mercado interno, da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil (Craei), e, mais tarde, do BNDE, criado no governo Getúlio Vargas; ou, então, os grandes projetos — principalmente de infraestrutura — eram conduzidos pelas empresas estrangeiras (GALVÊAS, 2008). A economia se resumia ao setor agrícola, com exportação de produtos primários de baixo valor agregado. Sendo assim, o incentivo à inovação e à produção em outros setores era escasso. Com o amadurecimento do mercado, foram criados dispositivos institucionais e legais que proporcionaram maior independência e capacidade de gestão. Durante a década de 90, ocorreram importantes mudanças macroeconômicas e regulatórias que tornaram o ecossistema mais acessível e atraente aos investidores internacionais. Mas é a partir de 2007, segundo pesquisa

realizada por uma parceria entre Insper, Spectra e ABVCAP (2018), que os investimentos em *private equity*<sup>1</sup> e *venture capital*<sup>2</sup> se intensificaram.

A partir desse momento, o mercado de capitais brasileiro alcançou certa maturidade, especialmente quando comparado aos demais países da América Latina. De fato, o Brasil apresenta o maior território da região e o maior mercado, com ampla oportunidade de escalabilidade de negócios. Figura entre os três principais consumidores de tecnologia da região, sendo líder em inovação, hoje com destaque para a indústria de meios de pagamento (ISTOÉ, 2019). Além disso, a cada ano o país vem se superando em número de startups unicórnios, ou seja, empresas que atingem US\$1 bilhão em valor de mercado.

Por estas e outras razões, o país atrai a atenção de investidores internacionais: quase 50% dos investidores estrangeiros escolhem o Brasil quando procuram por investimentos na América Latina (ECLAC, 2019, p.27); isto porque enxergam a capacidade local de desenvolvimento de soluções e a oportunidade de expansão em um mercado de dimensões continentais. Apesar desse cenário bastante positivo, hoje o país enfrenta novos desafios no que diz respeito à inovação.

O recente estudo intitulado Mapeamento dos Mecanismos de Geração de Empreendimentos Inovadores (CRUZ, 2019) mostra que, em 2017, o Brasil apresentava 363 incubadoras e 57 aceleradoras. A pesquisa estima ainda um total de 3.694 empresas incubadas no mesmo período, contribuindo para a redução do desemprego e para a melhoria de indicadores econômicos. É importante ressaltar que a maior parte dessas incubadoras se encontra dentro das universidades (cerca de 60% do total), o que confirma a existência de instituições acadêmicas fortes no país, capazes de concentrar talento empreendedor, oferecendo técnicas e um ambiente favorável para a pesquisa. Entretanto, um dos principais obstáculos para os avanços desse ecossistema é a pulverização da inovação pelo país (ZANUTO,

---

<sup>1</sup> Private equity é um fundo privado de investimento. Segue a lógica de investimento de seus corretores e diversifica a carteira de acordo com o apetite de risco de seus integrantes. (INNOBENCH, 2019)

<sup>2</sup> Traduzido como 'capital de risco', o venture capital apoia empresas de pequeno e médio porte já estabelecidas e com potencial de crescimento. Com duração média de 5 a 8 anos, os recursos investidos financiam as primeiras expansões, levando o negócio a novos patamares de escala no mercado. (INNOBENCH, 2019)

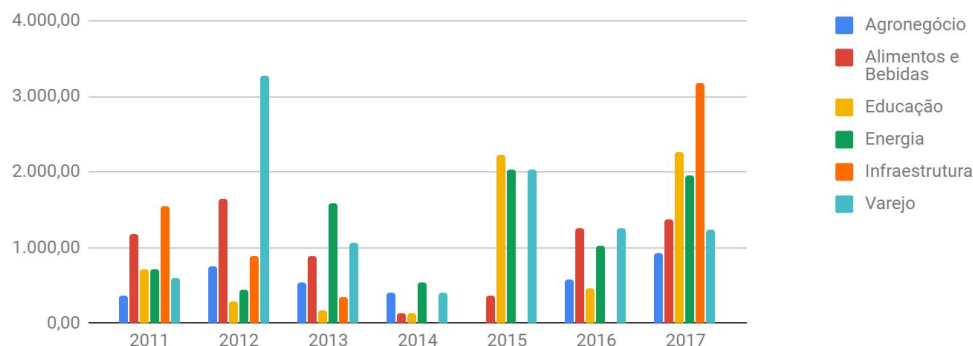
2019). Existe uma tendência de o empreendedorismo se concentrar nas regiões Sul e Sudeste, assim como o capital estrangeiro captado, o que acentua o desenvolvimento desigual das regiões e reduz a possibilidade de conceber soluções de forma colaborativa.

Instituições como o SEBRAE e EMBRAPA, que possuem unidades espalhadas pelo país, conseguem absorver muitos empreendimentos e pesquisas, e estabelecer conexões entre eles, conferindo maior solidez e promovendo uma integração fundamental. Assim, a participação destas instituições contribui ainda para a confiabilidade dos negócios, funcionando também como uma forma de garantia para o investidor, que busca rentabilidade, liquidez e riscos mínimos.

Da perspectiva dos empreendedores, o estudo Radiografia do Ecossistema Brasileiro de Startups (2017) aponta como principais dificuldades para o sucesso dos negócios o ambiente regulatório e o acesso ao capital. Como soluções dentro do atual cenário, figuram propostas como criação de incentivos fiscais para aceleradoras, investimentos anjo, e fundos de *private equity* e *venture capital*, além de ampliação de acesso a crédito.

Segundo o estudo Consolidação de Dados (2018), divulgado pela KPMG, em termos de capital comprometido com a indústria de *private equity* e *venture capital*, desde 2013 os investimentos estrangeiros têm superado os 50% do total, atingindo 58% em 2017, um resultado positivo e promissor. Os principais setores que estão recebendo aporte no Brasil, dentro da indústria de capital de risco, são infraestrutura, educação e energia. Alimentos e bebidas, varejo e agronegócio também figuram entre as verticais de interesse dos investidores. No Gráfico 4, é possível acompanhar a evolução do volume de capital que esses setores vêm captando anualmente. 2017 mostra uma melhora considerável, com destaque para infraestrutura, que não recebeu aportes significativos de *private equity* e *venture capital* nos três anos anteriores. A quantidade total de empresas investidas em 2017, nestas mesmas modalidades de investimento, chegou a 175.

Investimentos por Setor em R\$ milhões



**Gráfico 4. Investimentos por setor no Brasil em R\$ milhões. Fonte: KPMG (2018).**

No âmbito dos investimentos em P&D, segundo estudo divulgado pela Rede de Indicadores de Ciência e Tecnologia (Ricyt) apoiado pela Unesco, Brasil, México e Argentina, os principais em pesquisa na América Latina, tiveram redução significativa nos investimentos dessa área no período entre 2007 e 2016, com retração principalmente do setor privado (ABIPTI, 2018); ou seja, o Estado ainda sendo o responsável majoritário na contribuição para a inovação.

A partir desse cenário, a grande questão é como atrair de forma inteligente o capital financiador que fomenta as inovações e contribui para o desenvolvimento econômico do país. O que se deve buscar é que os empreendimentos nacionais cresçam em um ambiente regulatório menos burocrático, com amplo acesso a recursos, para que possam inclusive se internacionalizar, mas sem que sejam adquiridos pelo estrangeiro, conservando a unidade de inovação no país e o desenvolvimento local, como acontece, por exemplo, no ecossistema israelense.

A Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, definida para o período 2016-2022 pelo MCTIC (2016), tendo em vista todas estas lacunas existentes e acompanhando a tendência global de elevação dos investimentos em pesquisa e inovação, busca promover maior integração das diversas entidades que compõem os Sistemas Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação, a fim de que melhorias sejam instituídas no ecossistema, elevando a competitividade e criando a estratégia necessária para que a pesquisa nacional se desenvolva de forma autônoma e qualificada, sendo capaz de gerar negócios e se aproximando da indústria e de suas demandas. O grande desafio dos países emergentes nessa trajetória se encontra na inserção das estratégias de ciência, tecnologia e inovação

nas políticas de desenvolvimento econômico de longo prazo. Uma tendência recente que conta a favor desse projeto é o avanço nos incentivos à comercialização da pesquisa pública, incluindo, dentre outros, a transferência do conhecimento. Muitos governos têm instituído mecanismos de atração de investimentos internacionais nas indústrias de alta tecnologia, de maneira que conseguem alcançar resultados melhores do que quando limitados aos recursos domésticos, e por isso as parcerias internacionais se fazem uma realidade cada vez mais presente e necessária à competitividade e definição de novos *benchmarkings* na indústria da inovação.

### 3.2 ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS E INOVAÇÃO EM ISRAEL

Israel é considerado um país com enorme potencial para a geração de negócios. De acordo com o relatório mais recente do Start-Up Nation Central (2018), o país apresenta mais de 6.600 empresas ativas. Seu ecossistema conta com mais de 430 investidores de presença local, dos quais 23% não são israelenses. Em 2018, 645 empresas de alta tecnologia captaram US\$6 bilhões, valor 15% superior ao ano anterior. Aproximadamente 1.500 investidores aportaram nas empresas israelenses, cujas verticais de destaque foram saúde, cibersegurança e serviços financeiros, englobando como principal tecnologia a inteligência artificial.

O sucesso do ecossistema de Israel se justifica por uma combinação de fatores que envolvem o estímulo a uma cultura empreendedora, foco em instituições acadêmicas de qualidade, suporte governamental, comercialização da inovação e captação de *smart money* — *private equity*, *venture capital*, investimento anjo, entre outros — que viabilizam acesso a recursos ao mesmo tempo em que potencializam a capacidade de gestão. Além disso, de forma muitas vezes distinta da mentalidade empreendedora brasileira, os negócios israelenses já são idealizados visando o mercado global, o que permite uma expansão muito mais rápida.

Através dos dados apresentados, é perceptível em termos de resultado o quanto o país investe em pesquisa e desenvolvimento. É importante destacar também o papel do financiamento militar às empresas, que corresponde a um dos maiores volumes no mundo, fomentando projetos principalmente da área de defesa. Entendendo a força desse ecossistema, as empresas multinacionais cada vez mais

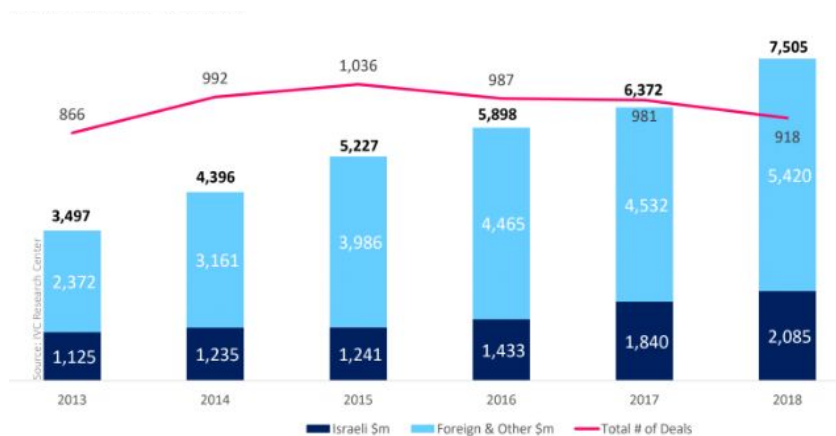
se instalam em Israel e buscam formar parcerias com as empresas locais ao invés de simplesmente comprarem as startups. Esse comportamento indica que existe expertise valorizada pelo estrangeiro, e que a indústria vem conseguindo desenhar estratégias para que suas empresas e talentos permaneçam no país. Embora hoje Israel desponte em termos de tecnologia, a competição global e os diversos pólos tecnológicos que estão se consolidando ao redor do mundo demandam constante investimento e capacidade de atualização compatível com as transformações que acontecem de forma cada vez mais veloz.

O ecossistema israelense rapidamente identificou a necessidade de se expandir para outros países, tendo em vista a pequena dimensão do seu mercado interno. O estudo (Re)Inventing Israel's Capital Markets: Financing the Transition From Startup Nation to Global Nation (2014) reconhece ainda outras condições para o avanço do seu mercado de capitais, de maneira a tornar possível o financiamento da expansão das empresas de tecnologia, priorizando o crescimento sustentável. Segundo diagnóstico desse estudo, um dos principais problemas em Israel é a falta de investimentos em empresas nos estágios mais avançados, limitando o acesso das empresas ao capital, o que, portanto, faz com que não encontrem outro mecanismo de expansão que não sejam as fusões e aquisições por empresas estrangeiras. A fim de reverter esse cenário, Israel definiu uma série de diretrizes que envolvem, dentre outros, os seguintes pontos:

- Remoção dos requisitos regulatórios, institucionais, legais, tributários e de infraestrutura de mercado que impedem o estabelecimento de um cenário de serviços financeiros de apoio às novas tecnologias;
- Expansão do *private equity* com a criação, especialmente, de fundos de financiamento para empresas do setor de tecnologia em estágio avançado;
- Através da Bolsa de Valores de Tel Aviv, lançar novos produtos financeiros para parcerias globais que resolvam desafios através de aplicações tecnológicas em mercados emergentes e fronteiriços.

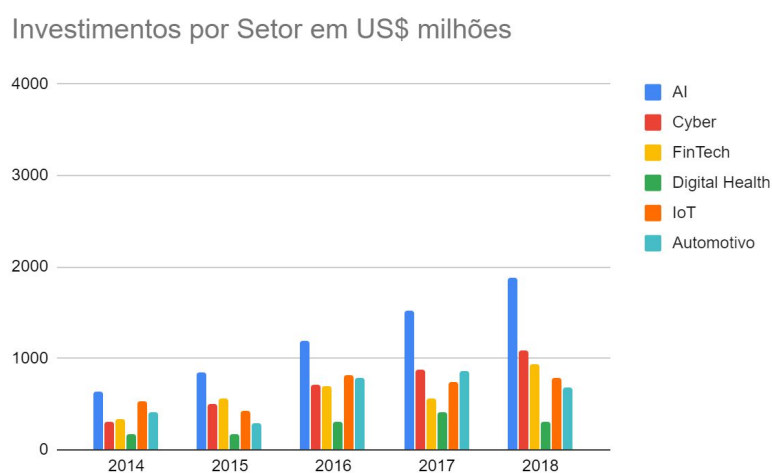
Hoje já é possível perceber alguns resultados expressivos na evolução do mercado de capitais israelense. O Gráfico 5 mostra o volume de captação das startups entre 2013 e 2018, bem como o total de *deals*, isto é, o número de

investimentos acordados e aportados. É perceptível que houve uma redução no total de *deals*; entretanto, a injeção de capital vem crescendo, com destaque para o aporte internacional, o que indica existe, por parte dos investidores, confiança nos retornos e na indústria local.



**Gráfico 5. Captação de recursos a nível nacional e internacional, em milhões de dólares, e número de *deals*. Fonte: IVC Research Center, 2019.**

Quanto aos setores aquecidos, os destaques vão para inteligência artificial, *cyber*, *fintech*<sup>3</sup>, saúde, internet das coisas (IoT) e automobilístico. O total captado ao longo do período 2014-2018 está indicado no gráfico abaixo, e a principal vertical é a inteligência artificial, com aportes crescentes e expressivos nos últimos quatro anos.



**Gráfico 6. Investimentos por setor em Israel em US\$ milhões. Fonte: IVC Research Center, 2019.**

<sup>3</sup> Fintechs são startups que atuam na área financeira *core banking* ou em frentes derivadas como securitização e gestão de ativos financeiros. (INNOBENCH, 2019)



As indústrias brasileira e israelense divergem bastante em suas verticais. Enquanto o Brasil capta principalmente nos setores de infraestrutura, educação, energia, alimentos e bebidas, varejo, e agronegócio; Israel apresenta as empresas de base tecnológica como principal atrativo do seu portfólio. Essas diferenças podem trazer experiências bastante positivas para ambos ecossistemas. Parcerias nos setores de agronegócio e inteligência artificial, ou varejo e *fintechs* se mostram promissoras, agregando valor aos negócios brasileiros e garantindo a escalabilidade que a economia israelense procura.

Para efeito de comparação das oportunidades, a plataforma Magnitt produziu um relatório sobre o ecossistema de startups no mundo árabe. De acordo com o estudo, em 2018 foram 404 deals, com captação de US\$903 milhões, e as principais verticais foram *fintech*, *e-commerce*, transporte e *delivery*, respectivamente. As inovações se concentram principalmente nos Emirados Árabes Unidos, Egito e Arábia Saudita, e os investimentos estrangeiros responderam por apenas 30% do total em 2017 e 2018 (MAGNITT, 2019). Outro ponto que chama atenção é que o nível de investimento dos países árabes em P&D é ainda menor que no caso do Brasil. Na maior parte desses países, esse percentual não chega a 0,5% do PIB (UNESCO, 2018).

A partir destes dados, fica claro que Israel e Brasil apresentam convergências setoriais que oferecem possibilidades diversas de parceria capazes de favorecer os interesses dos dois países na busca por desenvolvimento sustentável do ecossistema empreendedor e do fomento à inovação. Assim, enquanto as relações comerciais mostram mais limitações no que tange as oportunidades disponíveis, no âmbito dos negócios essas oportunidades se multiplicam, apresentam potencial para fortalecer ambas as economias e devem ser exploradas estrategicamente.

#### **4 INVESTIMENTOS: ENTRE DESAFIOS E OPORTUNIDADES**

Segundo dados da Rede Nacional de Informações sobre o Investimento - Renai (2019), o total de investimentos anunciados no Brasil sofreu uma queda considerável após 2011, considerando todas as modalidades de investimento. Em

2018, verifica-se uma recuperação, e é esperado que 2019 feche com resultado ainda superior.



**Gráfico 7. Investimentos anunciados no Brasil entre 2004 e 2019 em bilhões de dólares. Fonte: RENAI, 2019.**

A atual onda de startups unicórnios que desponta no continente sul-americano, com destaque para o Brasil, tem contribuído para melhorar o cenário de investimentos no país, atraindo o interesse de investidores internacionais e aumentando a busca de empreendedores brasileiros por tecnologia de ponta para seus negócios. Segundo a pesquisa *Perspectivas dos Investidores*, as expectativas para o mercado brasileiro de capital de risco são altas. A mesma pesquisa revela ainda que os setores do agronegócio, saúde e farmácia, educação e serviços financeiros se mostram os mais atraentes, principalmente para o público internacional (ABVCAP, 2018).

A OurCrowd, plataforma líder de investimento global e o investidor em venture capital mais ativo de Israel, percebendo as oportunidades do mercado brasileiro, abriu um escritório este ano em São Paulo. O CEO da empresa comparou as condições atuais nos dois países, mostrando que Israel encerrará o ano com US\$8 bilhões investidos em venture capital, enquanto toda a região da América Latina fechará com apenas US\$2 bilhões na mesma modalidade (OURCROWD, 2019). Este dado mostra como os países da América Latina ainda estão atrasados em termos de capacidade de inovação e atração de capital estrangeiro; ao mesmo

tempo, deixa claro que existe amplo espaço para desenvolvimento e captação de recursos que financiem empreendimentos de qualidade.

Segundo matéria publicada na Folha de S. Paulo (2019), o Fundo de Investimento Público da Arábia Saudita indicou interesse em investir até US\$10 bilhões no Brasil. Em visita recente aos Emirados Árabes Unidos, o governo brasileiro apresentou projetos de infraestrutura, com foco especial nas exportações do agronegócio e expectativa de levantar cerca de US\$50 bilhões até 2022. Em 2017, os investimentos diretos dos Emirados Árabes no Brasil somavam US\$703 milhões, representando apenas 0,1% do total investido pelos Estados Unidos. O valor, entretanto, é crescente, tendo quase quadruplicado no período entre 2010 e 2017. Com interesse principalmente comercial, indicativo da expectativa de aumento das exportações, é cada vez maior a presença dos fundos soberanos árabes no país, cujo foco é em investimentos de grande volume em logística, aeroportos e portos. Mais uma vez a relação entre Brasil e os países árabes mostra oportunidade de ganhos significativos, evidenciando a importância de se manter relações estáveis em prol de benefícios compartilhados.

Por outro lado, o volume de investimento israelense no país também pode crescer bastante a fim de alcançar maior relevância. É imprescindível, entretanto, considerar que os investimentos israelenses têm se focado principalmente em parcerias para inovação e desenvolvimento de startups, o que pode agregar valor estratégico crucial para o país no longo prazo. Portanto, estreitar o relacionamento entre as instituições de pesquisa e desenvolvimento de ambos os países se mostra um caminho cujos retornos podem potencializar os resultados brasileiros em diversas dimensões, favorecendo a indústria, as instituições de pesquisa e a sociedade como um todo.

Em 2019, além do anúncio da OurCrowd, que já trouxe grandes expectativas para o mercado brasileiro, programas inéditos, como o ScaleUp inBrazil, cujo objetivo é oferecer as ferramentas necessárias para que empresas israelenses de tecnologia inovadora se estabeleçam no Brasil, instituíram novas formas de se fazer negócio entre os países. O programa em questão conseguiu atrair o interesse de quase 50 empresas, das quais cinco foram selecionadas para fazer parte de uma série de workshops, treinamentos e reuniões com potenciais parceiros e

investidores. A proposta conseguiu trazer resultados bastante positivos: negócios fechados, contratação de funcionários locais e absorção de novas tecnologias que apresentam potencial para estimular a competitividade dentro do país. Para Israel, que busca escalar negócios e torná-los sustentáveis sem perder o centro da inovação para outros mercados, o programa contribuiu amplamente para seus objetivos estratégicos.

Iniciativas de pesquisa também vêm sendo estabelecidas como forma de cooperação entre os dois países. A Technion, que figura entre as principais universidades de tecnologia em Israel e no mundo, apresenta um convênio com a FAPESP com objetivo de financiamento conjunto de projetos de pesquisa colaborativa entre pesquisadores do Estado de São Paulo e de Israel em qualquer campo da ciência. A EMBRAPA também apresenta acordo de cooperação bilateral econômica e tecnológica com Israel. Este ano, a Autoridade de Inovação Israelense está alocando US\$10 milhões para projetos inovadores liderados pelos dois países, focados no desenvolvimento de novas tecnologias nas áreas de energia, internet das coisas (IoT), agricultura e ciências. A chamada de projetos está alinhada com os propósitos da indústria, buscando criar produtos aplicáveis e que possam suprir necessidades de mercado, atraindo compradores e investimentos, e desta forma fomentando o ciclo da inovação (EMBRAPA, 2019).

O que não se deve perder de vista na relação com Israel e outros *players* internacionais é justamente a capacidade que o próprio Brasil apresenta para a inovação. Afinal, os entraves existentes podem terminar sufocando a indústria nacional ou levando os empreendedores a procurar oportunidades fora. Por esta razão, encontrar meios de favorecer a inovação dentro do próprio país é essencial, e as parcerias institucionais são de grande importância para o alcance desse objetivo. Elas podem contribuir para o mapeamento da inovação, a captação de recursos estratégicos e a integração eficiente dos ecossistemas, promovendo ganhos para ambas as partes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre Brasil e Israel apresentam oportunidades de aprofundamento na geração de valor para ambas as economias, seja no âmbito comercial ou dos investimentos. Israel pode ser visto como mais que uma fonte de transferência de tecnologia, e o Brasil pode representar mais do que um largo mercado consumidor. Para tanto, é importante que as instituições unam esforços a fim de investir em inovação e desenvolvimento de pesquisas e negócios colaborativos, especialmente nos setores que vêm se mostrando mais fortes na economia e cujos setores apresentam compatibilidade, agregando diferenciais na produção de soluções locais e globais.

Como visto anteriormente, existe a possibilidade de expansão do volume de exportações brasileiro para Israel. Apesar das limitações demográficas, as oportunidades de mercado, a existência de acordos e a aproximação política entre os países mostram que ainda existem espaços que podem ser ocupados pela produção nacional.

No âmbito dos investimentos, o panorama é ainda mais otimista devido às aproximações institucionais que vêm ocorrendo em paralelo com o aprofundamento das relações governamentais entre os países. Uma questão primordial que se verifica neste contexto é que os acordos e a execução das políticas relacionadas devem andar de mãos dadas, produzindo resultados tangíveis. Israel e Brasil apresentam diversas formas de cooperação bilateral instituídas, mas é essencial estabelecer métricas e rotinas para acompanhar e analisar os retornos gerados.

É imprescindível considerar também que, enquanto as relações comerciais Brasil-Israel movimentam milhões, as relações com os países árabes movimentam bilhões, e propostas como o comprometimento com a transferência da embaixada certamente iriam abalar as relações com os países árabes. Por mais que exista uma forte dependência desses países em relação a algumas das mercadorias brasileiras, uma decisão de tal magnitude produz efeitos na percepção da comunidade internacional e inevitavelmente gera outras reações, podendo levar outros países a assumir posições declaradas sobre o conflito, o que possivelmente conduziria à

polarização e, conseqüentemente, novas crises no cenário internacional. Nenhuma das possibilidades favorece o Brasil e traz ganhos efetivos. Pelo contrário, o posicionamento tradicional do país, alinhado com o discurso de defesa da resolução pacífica dos conflitos, é o que garantiu até hoje benefícios na economia e no desenvolvimento, não havendo evidências de que o rompimento com essa tradição seja capaz de produzir resultados positivos. Pelo contrário, a decisão poderia inclusive afastar o capital que os países árabes vêm se dispondo a injetar no país, e que pode alcançar volumes ainda maiores nos próximos anos.

Para além das questões relatadas, também a dimensão política interna atual precisa ser levada em conta para uma perspectiva completa. Com Israel vivenciando um longo período de incertezas na tentativa de consolidação de um governo de maioria e tendo o líder com maior tempo no poder investigado por corrupção, existe um aumento significativo de risco. Já no Brasil, apesar de o pacote de medidas liberais proposto pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes, ter trazido uma perspectiva otimista para o mercado, as questões internas que estão sendo enfrentadas, com o Brasil tendo seu líder político também investigado e encarando sua 9ª troca de partido, as oportunidades de parceria e captação de investimentos dos dois países no cenário internacional ficam fragilizadas.

No âmbito da inovação, fica claro que um ponto chave para o desenvolvimento do Brasil é a importância de se aumentar os investimentos em P&D. Com uma estrutura forte voltada para a inovação e fortalecimento das instituições, a atração de maior volume de capital tanto nacional quanto estrangeiro deve se multiplicar. Isto porque haverá um estímulo para novos empreendimentos e a formação de um ecossistema sólido, que transpareça confiança e expectativa de bons retornos, tornando-se a vitrine para a captação no país. Nesse sentido, Israel certamente pode ser um parceiro na alavancagem do ecossistema brasileiro, transferindo tecnologia para o mercado, estimulando a competitividade e trazendo parcerias que agreguem valor ao relacionamento entre os países e ao desenvolvimento econômico do Brasil.

## 6 REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, S. Arab League Warns Brazil Over Possible Israel Embassy Transfer. *Bloomberg*, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-12-10/arab-league-warns-brazil-over-possible-israel-embassy-transfer>. Acesso em: 20 out. 2019.

AMORIM, C. Brazil and the Middle East. *The Cairo Review of Global Affairs*, fev. 2011. Disponível em: <https://www.thecaireview.com/wp-content/uploads/2014/11/Brazil-and-the-Middle-East.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

BALANÇA comercial brasileira: Acumulado do ano, Exportação: 2019/2018, Principais produtos e países: acumulado. *Ministério da Economia*, 2019a. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/balanca/mes/2019/BCE020A.xlsx>. Acesso em: 20 out. 2019.

BERMAN Jewish Databank. *World Jewish Population*, n.23, 2018. Disponível em: [https://www.jewishdatabank.org/content/upload/bjdb/2018-World\\_Jewish\\_Population\\_\(AJYB,\\_DellaPergola\)\\_DB\\_Final.pdf](https://www.jewishdatabank.org/content/upload/bjdb/2018-World_Jewish_Population_(AJYB,_DellaPergola)_DB_Final.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.

BRASIL é colocado como líder em inovação da América Latina, com destaque para indústria de pagamentos. *IstoÉ*, 2019. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-e-colocado-como-lider-em-inovacao-da-america-latina-com-destaque-para-industria-de-pagamentos/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRAZIL risks Middle East trade with Israel embassy move. *Reuters*, 8 nov. 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-brazil-israel-trade-analysis/brazil-risks-middle-east-trade-with-israel-embassy-move-idUSKCN1ND33T>. Acesso em: 9 nov. 2019.

CALL for EMBRAPII and Israel Bilateral Cooperation. *EMBRAPII*, 2019. Disponível em: <http://embrapii.org.br/en/international-cooperation/call-for-embrapii-and-israel-bilateral-cooperation/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

CARNEIRO, J. A aproximação entre Bolsonaro e Israel pode afetar o mercado bilionário de carne halal no Brasil? *Época Negócios*, 30 mar. 2019. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2019/03/aproximacao-entre-bolso-naro-e-israel-pode-afetar-o-mercado-bilionario-de-carne-halal-no-brasil.html>. Acesso em: 12 nov. 2019.

CARVALHO, A. Ascensão e declínio do mercado de capitais no Brasil - a experiência dos anos 90. *Economia Aplicada*, v. 4, n. 3, 2000. Disponível em: [https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/carvalho\\_-\\_ascensao\\_e\\_declinioo\\_do\\_mercado\\_de\\_capitais\\_no\\_brasil\\_-\\_a\\_experiencia\\_dos\\_anos\\_90.pdf](https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/carvalho_-_ascensao_e_declinioo_do_mercado_de_capitais_no_brasil_-_a_experiencia_dos_anos_90.pdf). Acesso em: 27 out. 2019.

CASARÕES, G.; VIGEVANI, T. O lugar de Israel e da Palestina na política externa brasileira: antissemitismo, voto majoritário ou promotor de paz?. *História*, Franca, v. 33, n. 2, p. 150-188, dez. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742014000200150&ng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742014000200150&ng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 out. 2019.

COM 95% dos votos apurados, Netanyahu não consegue maioria e Israel enfrenta impasse. *O Globo e Bloomberg*, 18 set. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/com-95-dos-votos-apurados-netanyahu-nao-consegue-maioria-israel-enfrenta-impasse-23956049>. Acesso em: 5 out. 2019.

COMUNIDADE Libanesa no Brasil é Quase o Triplo da População do Líbano. *Globo Comunicação e Participações*, 10 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2017/03/comunidade-libanesa-no-brasil-e-quase-o-triplo-da-populacao-do-libano.html>. Acesso em: 20 out. 2019.

CONSOLIDAÇÃO de Dados: Indústria de Private Equity e Venture Capital no Brasil. *KPMG*, 2018. Disponível em: <https://abvcap.com.br/Download/Estudos/4004.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CRUZ, E. Mapeamento mostra que Brasil tem 363 incubadoras e 57 aceleradoras. *Agência Brasil*, 12 ago. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-08/mapeamento-mostra-que-brasil-tem-363-incubadoras-e-57-aceleradoras>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CÚPULA América do Sul - Países Árabes (ASPA). *MMA*, 2012. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/assuntos-internacionais/blocos/item/849.html>. Acesso em: 20 out. 2019.



DECLARAÇÃO Conjunta por ocasião da Visita Oficial a Israel de Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro – 31 de março de 2019. *MRE*, 31 mar. 2019. Disponível em:

<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/20235-visita-oficial-a-israel-de-sua-excelencia-o-presidente-da-republica-federativa-do-brasil-jair-bolsonaro>. Acesso em: 01 dez. 2019.

ESTRATÉGIA Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2022. *Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações*, Brasília, 2016. Disponível em:

[http://www.finep.gov.br/images/a-finep/Politica/16\\_03\\_2018\\_Estrategia\\_Nacional\\_de\\_Ciencia\\_Tecnologia\\_e\\_Inovacao\\_2016\\_2022.pdf](http://www.finep.gov.br/images/a-finep/Politica/16_03_2018_Estrategia_Nacional_de_Ciencia_Tecnologia_e_Inovacao_2016_2022.pdf). Acesso em: 18 nov. 2019.

EXPORTAÇÕES em 2018 alcançam o maior valor dos últimos 5 anos. *Ministério da Economia*, 2019b. Disponível em:

<http://www.mdic.gov.br/index.php/micro-e-pequenas-empresa/61-noticias/3777-exportacoes-em-2018-alcancam-o-maior-valor-dos-ultimos-5-anos>. Acesso em: 27 out. 2019.

FÁVERO, G.; PINHEIRO, L. F. V. As relações entre o Brasil e a Palestina e o reconhecimento do Estado palestino pelo Brasil. *Cadernos de Política Exterior*, v. 3, p. 65–91, 2016.

FIGUEIRA, F. Brazilian trade with Arab countries improving in the first half of 2019. *Veirano Advogados*, 31 jul. 2019. Disponível em:

[http://www.veirano.com.br/eng/contents/view/brazilian\\_trade\\_with\\_arab\\_countries\\_improving\\_in\\_the\\_first\\_half\\_of\\_2019](http://www.veirano.com.br/eng/contents/view/brazilian_trade_with_arab_countries_improving_in_the_first_half_of_2019). Acesso em: 20 out. 2019.

FOREIGN Direct Investment in Latin America and the Caribbean. *Economic Commission for Latin America and The Caribbean (ECLAC)*, 2019. Disponível em:

[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44698/10/S1900447\\_en.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44698/10/S1900447_en.pdf). Acesso em: 25 nov. 2019.

FUNDO saudita pretende investir até US\$ 10 bi no Brasil. *Agência de Notícias Brasil-Árabe*, São Paulo, 29 out. 2019. Disponível em:

<https://anba.com.br/fundo-saudita-pretende-investir-ate-us-10-bi-no-brasil/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

GALVÊAS, E. O Mercado Brasileiro de Capitais. *Revista de Direito Bancário e do Mercado de Capitais*, v. 41, p. 14, jul. 2008.

GLOSSÁRIO do Empreendedor. *InnoBench*, 2019. Disponível em: <https://www.innobench.co/glossario-do-empendedor/>. Acesso em: 31 nov. 2019.

HOW Much Does Your Country Invest in R&D? *UNESCO Institute for Statistics*, 2019. Disponível em: <http://uis.unesco.org/apps/visualisations/research-and-development-spending/>. Acesso em: 20 out. 2019.

INVESTIMENTOS Anunciados no Brasil. *RENAI*, jun. 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiZTIkZGZIZTEtMmM3My00YTk0LTk3NzAtYjQ5NjQ2YzFiM2ZmliwidCI6ImNmODdjOTA4LTRhNjUtNGRlZS05MmM3LTExZWE2MTVjNjMyZSIsImMiOiR9>. Acesso em: 17 nov. 2019.

ISRAELI Entrepreneurial VC Ecosystem. *IVC Research Center*, mai. 2019. Disponível em: <https://www.ivc-online.com/Portals/0/RC/POSTS/IVC%20Israeli%20Entrepreneurial%20VC%20Ecosystem%20presentation.pdf?timestamp=1560419084211>. Acesso em: 17 nov. 2019.

KORBET, R. The State of The Israeli Ecosystem in 2018. *Start-up Nation Central: Finder Insights Series*, 2019. Disponível em: <https://www.tresor.economie.gouv.fr/PagesInternationales/Pages/c6e8453d-93e0-4a99-ab14-d35e4e331d58/files/8da3fa7a-b903-4b96-a90b-d740ef193c71>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MARTELLO, A. Sem Israel, Brasil vende ao Oriente Médio US\$14,2 bi em 2018, apontam dados do governo. *G1 Economia*, 01 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/01/sem-israel-vendas-do-brasil-para-o-orientes-medio-somaram-us-142-bi-apontam-dados-do-governo.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2019.

O MOMENTO da Startup Brasileira e o Futuro do Ecossistema de Inovação. *Abstartups e Accenture*, 2018. Disponível em: <https://abstartups.com.br/PDF/radiografia-startups-brasileiras.pdf>. Acesso em: 18 de nov. 2019.

OURCROWD Announces Sao Paulo Office at its First Major Event in Latam: OurCrowd Sync: São Paulo 2019. *OurCrowd*, 25 set. 2019. Disponível em: <https://blog.ourcrowd.com/ocsyncwrap/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PERFORMANCE of The Private Equity and Venture Capital Industry in Brazil. *Inspira, Spectra e ABVCAP*, set. 2018. Disponível em: <https://abvcap.com.br/Download/Estudos/4075.pdf>. Acesso em: 18 de nov. 2019.

PESQUISA dos Investidores. *ABVCAP*, 2018. Disponível em: <https://www.abvcap.com.br/Download/Estudos/3619.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PINTO, A. Para atrair bilhões árabes, Brasil quer reforçar medidas pró-setor privado. *Folha de S. Paulo*, 26 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/para-atrair-bilhoes-arabes-brasil-que-reforcar-medidas-pro-setor-privado.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2019.

QUEDA de investimento de P&D se acentua na América Latina. *ABIPTI*, 2018. Disponível em: <http://portal.abipti.org.br/queda-de-investimento-de-pd-se-acentua-na-america-latina/>. Acesso em: 18 de nov. 2019.

R&D Data Release. UNESCO Institute of Statistics, 2018. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/news/rd-data-release>. Acesso em: 04 dez. 2019.

RECONHECIMENTO do Estado palestino gera especulações sobre interesse brasileiro. *Deutsche Welle*, 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/reconhecimento-do-estado-palestino-gera-especula%C3%A7%C3%B5es-sobre-interesse-brasileiro/a-6310516>. Acesso em: 20 out. 2019.

(RE)INVENTING Israel's Capital Markets: Financing the Transition From Startup Nation to Global Nation. *Milken Institute*, 2014. Disponível em: <https://milkeninstitute.org/sites/default/files/reports-pdf/Reinventing-Israels-CapMkts.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SCALEUP INBRAZIL: A landing pad for innovative Israeli companies. *ABVCAP*, São Paulo, 2019. 25 slides.

SANTIAGO, E. De Tel-Aviv a Jerusalém: As Aventuras de Um Ex-ano Diplomático na Terra Santa. *Insight Inteligência*, 2018.

THE Start-up Ecosystem in the Arab World. *Magnitt*, 6 abr. 2019. Disponível em: <https://magnitt.com/research/45361/startup-ecosystem-arab-world>. Acesso em: 19 nov. 2019.

VENEMA, B. *et al.* O Posicionamento da Diplomacia Brasileira para O Estado de Israel: da Criação aos Choques do Petróleo. *Revista Perspectiva*, Porto Alegre (RS), v. 9, n. 16, p. 40-53, 2016.

WHERE does Brazil import Crude Petroleum from? (2017). *Observatório da Complexidade Econômica*, 2019a. Disponível em: [https://oec.world/en/visualize/tree\\_map/hs92/import/bra/show/2709/2017/](https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/bra/show/2709/2017/). Acesso em: 17 out. 2019.

WHERE does the United Arab Emirates import Poultry Meat from? (2017). *Observatório da Complexidade Econômica*, 2019b. Disponível em: [https://oec.world/en/visualize/tree\\_map/hs92/import/are/show/0207/2017/](https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/are/show/0207/2017/). Acesso em: 20 out. 2019.

ZANUTO, R. Ecosistema de inovação no Brasil: as lacunas que precisamos preencher. *El País*, 05 set. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/opinion/1567527700\\_640376.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/opinion/1567527700_640376.html). Acesso em: 17 nov. 2019.